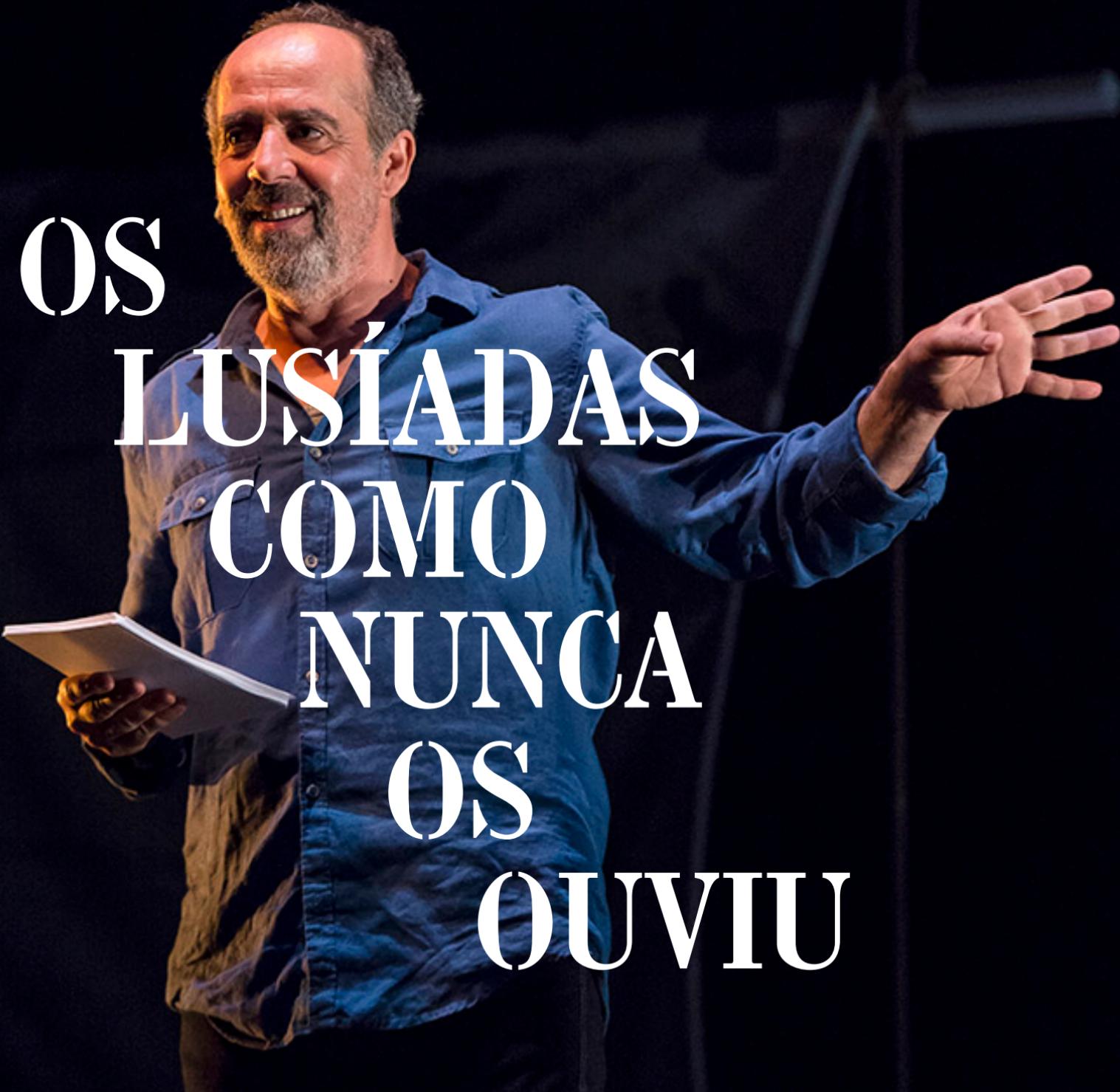


TEATRO NACIONAL D. MARIA II

D.M^{II}



OS
LUSÍADAS
COMO
NUNCA
OS
OUVIU

“OS LUSÍADAS” COMO NUNCA OS OUVIU

DE LUÍS DE CAMÕES

POR ANTÓNIO FONSECA

Até 2008, *Os Lusíadas* evocavam uma memória recorrente da adolescência: um livro truncado com muitas reticências, uma misturada de sentidos que não acabavam, muitos sublinhados a lápis e, sinceramente, uma total ausência de noção da obra.

Atrevo-me a dizer que mais de 50% da população portuguesa tem, com *Os Lusíadas*, um historial parecido com o que eu tinha quando em 2008 decidi atirar-me à epopeia de Camões: uma obra semi-odiada, quando fui aluno do ensino secundário, apreciada, sem ser conhecida quando cresci, uma vaga referência cultural ligada, pelo menos, à toponímia de alguns centros urbanos... enfim uma referência histórica perdida no baú de tantas referências históricas e informações da memória, que nunca nos damos ao trabalho de refrescar. (Há dias disseram-me que é um dos livros de cabeceira do Eduardo Lourenço, ele refresca-a todas as noites).

Ora, no meu entender, uma das razões de ser, entre outras, de um ator é exatamente refrescar o que, fazendo parte do nosso património coletivo, por quaisquer razões, murchou. Não resisto a transcrever uma citação de António José Saraiva a propósito deste murchar:

Um velho preconceito tornou Os Lusíadas apanágio dos eruditos e das escolas; mas há no Poema uma oralidade viva, um sabor da palavra gostosa que é própria dos bardos, aedos, dos jograis, dos Antónios Aleixos que nos restam. É um livro para ser entoado por recitadores, e não analisado por gramáticos. Por vezes interessa pouco o que ele diz, e vale só a língua sonora que percorre os vários graus da escala, uma palavra que esplende, um som rouco de queixa ou um gesto teatral que se entrevê. Por vezes, também, é um brinco meio irónico com palavras que se repetem ou opõem, como os poetas sempre gostaram de fazer diante dos seus auditores... (A. J. Saraiva – *Estudos sobre a Arte d’Os Lusíadas*, Gradiva Publicações L.da, Lisboa 1996)

Segui a inspiração de A. J. Saraiva e comecei em Junho de 2008. Verso por verso, estrofe por estrofe, episódio por episódio, canto por canto. Foi-se-me revelando uma grande história de vida, uma grande história da condição de ser humano, uma metáfora enorme da nossa condição de seres históricos, em qualquer sítio, em qualquer contexto cultural, em qualquer tempo.

Para nós portugueses *Os Lusíadas* são a maneira maior de contarmos um tempo, de diversas formas inscrito nos nossos cromossomas, em que quase todos os conceitos da mundivisão ocidental foram completamente alterados, em que as paredes se romperam e os mares, muito maiores que o Mediterrâneo, entraram de enxurrada num mundo que estava cartografado havia mais de mil anos. Do fim do século XV até meados do século XVI o tamanho do Mundo, para um europeu, mais que duplicou. Essa mudança deu-se em menos de 50 anos e está registada na Epopeia de Camões, graças ao artificioso truque: o que é contado sai do seu tempo e invade o tempo de quem conta, o narrador. Camões escreveu mais de 50 anos depois dos factos que, supostamente, conta: o tempo narrativo é o passado e o presente.

Mas *Os Lusíadas* são também uma súpula do saber que resistiu ao tempo e que continua a resistir: os factos são históricos ou poético/históricos, mas as suas profundas motivações... são de todos os tempos. E a precisão e agudeza e, às vezes crueza, com que Camões as formula, embrulhadas nos processos poéticos... podem deixar-nos o resto da vida a meditar.

Ao longo destes anos de trabalho sobre *Os Lusíadas*, o meu objetivo era muito claro: contar esta história, a de um punhado de homens que se lançam no espaço desconhecido por razões absolutamente contraditórias. Podemos imaginar: por ambição, por desespero, por aventura, por convicção, por necessidade, por inconsciência... Era atualizar estas motivações de viver que são ainda, apesar de tudo, as nossas motivações. Era falar esta história que eu pressentia n’*Os Lusíadas*.

E de repente sou surpreendido: tudo isto está lá como está nas grandes obras de música, nas grandes sinfonias: sub-repticiamente, insinuado nos ritmos, nos jogos de palavras, nos fôlegos de pensamento, no humor, no contraste dos andamentos...

Ler *Os Lusíadas* exige uma grande competência técnica: a sintaxe, as referências culturais, as metáforas, o contexto histórico... Ler uma partitura de música exige muita competência e não é qualquer pessoa que o pode fazer. Mas ouvir uma sinfonia só exige uma grande disponibilidade e gosto pela música. O conhecimento técnico da partitura ajuda a apreciar mas não é fundamental para se ser tocado. Pode acontecer o mesmo com *Os Lusíadas*?

Depois de todos estes anos de trabalho não tenho dúvida: isso não só é possível como é a única maneira de ousar fazer d’*Os Lusíadas* uma obra atual, viva, comovente, para todas as pessoas disponíveis deixarem-se surpreender mas que, por diversas razões, são incapazes de ir sozinhas à procura.

O grosso das referências da obra fazem parte da nossa memória coletiva; o embalo dos versos é muitas vezes mais importante do que as referências que veiculam; a ingenuidade universal de tantos episódios e factos referidos levam-nos a uma viagem profundamente autobiográfica, como as mais ingénuas histórias infantis.

Mais: as *estranhezas* da obra, quando despojados da vergonha de ignorarmos o que pensamos que devíamos conhecer, ajudam a concretizar o efeito de desdramatização, da “fruição segura” de que fala A. Damâsio, ou se quisermos, introduzem o elemento distanciador teorizado por B. Brecht.

Não há adolescente que deixe de vibrar com o *Senhor dos Anéis* ou o *Harry Potter* e no entanto não entende tim-tim por tim-tim a mitologia com que essas obras se tecem. Com isto não quero dizer que *Os Lusíadas* é uma obra para adolescentes. Bem pelo contrário. Não querendo intrometer-me no papel que ela ocupa na Escola, quase só destinada ao estudo da Língua Portuguesa, penso que pode ser muito mais saboreada por quem “*tem da vida experiência*” (fim canto III) e para quem a História já não é um amontoado de referências ligadas por teorias mais ou menos rígidas e aleatórias.

Sempre foi minha intenção interferir mais na memória coletiva que os potenciais ouvintes têm da obra do que contribuir para o seu estudo, não importa qual seja o contexto. O meu trabalho pode contribuir para a abordagem que os professores fazem da obra na escola, mas a minha perspectiva não é essa. Estou disponível para colaborar. Mais: penso que os atores deviam ter um papel importante na apropriação das obras da Literatura no sistema de ensino, se tivessem essa competência desenvolvida e se estivesse estabelecido entre o sistema de ensino e as estruturas artísticas um diálogo e colaboração permanentes. Mas essa é outra questão que só levanto para afastar liminarmente o comentário que ouço frequentemente: “que fantástico para as escolas!” Não! Que fantástico podermos viajar por dentro duma obra que faz parte do nosso imaginário!

António Fonseca



QUEM SOMOS

Direção Artística

Tiago Rodrigues

Conselho de Administração

Cláudia Belchior,
Rui Catarino,
Sónia Teixeira

Fiscal Único

Amável Calhau &
Associados, SROC, Lda.

Assessoria Artística

Magda Bizarro,
Assessoria Contratação
Pública

Rute Presado

Secretariado

Marina Almeida Ricardo

Motorista

David Fernandes

Atores

João Grosso,
José Neves,
Manuel Coelho,
Paula Mora
e Catarina Couto Sousa,
Cláudio Castro,
Ema Marli,
Inês Cóias,
Nadezhda Bocharova
(estagiários ESTC 2020-21)

Direção de Produção

Carla Ruiz,
Joana Costa Santos,
Manuela Sá Pereira,
Pedro Pires,
Rita Forjaz

Direção de Cena

André Pato,
Andreia Mayer,
Carlos Freitas,
Catarina Mendes,
Isabel Inácio,
Pedro Leite,
Sara Cipriano
e Diana Especial
(estagiária)
Auxiliares de Camarim
Carla Torres,
Paula Miranda
Pontos
Cristina Vidal,
João Coelho
Guarda-roupa
Aldina Jesus,
Ana Teixeira,
João Pinto,
Sílvia Galinha
Assistente Direção
de Cena e Técnica
Filipa Coelho

Direção Técnica

Rui Simão,
Miguel Abelho
Maquinaria e Mecânica
de Cena
Frederico Godinho,
Jorge Aguiar,
Lindomar Costa,
Marco Ribeiro,
Miguel Carreto,
Paulo Brito,
Nuno Costa
Iluminação
Feliciano Branco,
Daniel Varela,
Gonçalo Morais,
Luís Lopes,
Pedro Alves,
Sophia Andrade
(estagiária)
Som/Audiovisual
Pedro Costa,
André Dinis Carrilho,
João Neves,
João Pratas,
Margarida Pinto,
Tiago Alves
Motorista
Carlos Luís

Direção de Comunicação e Marketing

João Pedro Amaral,
Élia Teixeira,
Joana Bonifácio,
Paula Martins,
Tiago Mansilha

Direção Administrativa e Financeira

Carolina Lemos,
Eulália Ribeiro,
Susana Cerqueira
Controlo de Gestão
Diogo Pinto
Tesouraria
Ivone Paiva e Pona

Recursos Humanos

Verónica Bicho,
Lélia Calado,
Madalena Domingues

Direção de Manutenção

Susana Dias,
Albertina Patrício
Manutenção Geral
Raul Rebelo,
Carlos Henriques,
Eduardo Chumbinho,
Tiago Trindade
Informática
Nuno Viana
Técnicas de Limpeza
Ana Paula Costa,
Luzia Mesquita

Direção de Relações Externas e Frente de Casa

Ana Ascensão,
Ana Pinto Gonçalves,
Carolina Villaverde
Rosado,
Deolinda Mendes,
Mariana Gomes
Bilheteira
Rui Jorge,
Carla Cerejo,
Sandra Madeira
Receção
Isabel Campos,
Paula Leal

Direção de Documentação e Património

Cristina Faria
Acervo
Rita Carpinha
Biblioteca | Arquivo
Catarina Pereira,
Ricardo Cabaça
e Anabela Mourato,
Cláudia Graça,
Filomena Chiaradia,
Rafael Oliveira
(Projeto Rossio)
Livraria
Maria Sousa